# Lição 2: A diversidade das partes do céu quanto à posição. Opinião de Pitágoras

300. Após estabelecer a questão da perpetuidade dos céus, o Filósofo determina aqui a questão da variedade de suas partes. Primeiro, ele determina a questão da diversidade das partes consideradas do ponto de vista de sua respectiva posição no mesmo céu;

Em segundo lugar, conforme considerada em relação à relação dos vários corpos celestes entre si (L. 4). Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas: Primeiro, ele determina sobre a diversidade das partes posicionais do céu de acordo com as opiniões de outros;

Em segundo lugar, de acordo com sua própria opinião (L. 3). Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas: Primeiro, ele declara sua intenção;

Em segundo lugar, ele manifesta sua proposição, em 301. Ele diz, portanto, primeiro [224] que, porque alguns afirmam que uma parte do céu está à direita e outra à esquerda, nomeadamente os Pitagóricos, que colocam um direito e um esquerdo em todas as coisas, parece necessário investigar se as coisas são como eles afirmam ou se não se deveria antes atribuir tais coisas de uma maneira diferente da deles – se de fato é necessário aplicar estes princípios, i.e., direito e esquerdo, ao corpo do mundo inteiro em virtude de serem encontrados no corpo celeste, que abrange o mundo inteiro. A razão pela qual este assunto deve ser considerado é que ocorre imediatamente a um homem que, se há um direito e um esquerdo no céu, então há uma razão ainda maior e anterior para pensar que os princípios anteriores estão no céu, a saber, acima e abaixo, diante e detrás. 301. Então, em [225], ele manifesta esta proposição. Primeiro, ele explica a condição destes princípios conforme encontrados em outras coisas;

Em segundo lugar, que eles não são encontrados em todos os corpos, em 305. Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas: Primeiro, ele mostra que nem todos os princípios mencionados são encontrados em todas as coisas;

Em segundo lugar, ele explica em que ordem eles estão mutuamente relacionados, em 303. Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas: Primeiro, ele mostra que todos estes princípios não são encontrados em tudo, mas em algumas coisas apenas alguns e não todos;

Em segundo lugar, que seria totalmente inconveniente que alguns, mas não todos, fossem atribuídos ao céu, em 302. Ele diz, portanto, primeiro [225] que estes princípios, que são chamados diferenças de posição, foram tratados no livro *De Incessu Animalium*, uma vez que são peculiares a tais naturezas, a saber, as dos animais. Pois estas diferenças de posição são claramente encontradas nos animais de acordo com partes definidas. Pois alguns animais, a saber, os perfeitos, que não apenas sentem mas se movem com movimento local, possuem todas estas partes, a saber, direito e esquerdo, diante e detrás, acima e abaixo; outros animais, a saber, os imperfeitos e estacionários, possuem algumas delas, a saber, acima e abaixo, diante e detrás; enquanto as plantas têm apenas acima e abaixo. 302. Então, em [226], ele mostra que se algum deles é atribuído ao céu, então todos devem ser. E ele explica que se devemos atribuir algum ao céu, a saber, ou direito ou esquerdo, é razoável supor que seria encontrado aquilo que é encontrado primeiro nos animais perfeitos; ou é razoável que o céu possua aquilo que é primeiro nos animais, porque se postulamos o subsequente, devemos postular o anterior. Ora, uma vez que há três oposições ou "dimensões", cada uma delas, a saber, acima, diante e direito, é um certo princípio de sua oposta ou dimensão. Ele subsequentemente expõe as três que enunciou: uma destas é a oposição ou dimensão entre cima e baixo, na qual "cima" é o princípio; outra é entre diante e seu oposto, que é chamado "detrás", onde o que está diante é o princípio; outra ainda é entre direito e esquerdo, na qual "direito" é o princípio. Ora, uma vez que o perfeito é aquilo que é composto de todas as suas partes ou princípios, é razoável que todas estas oposições ou dimensões sejam encontradas em "corpos perfeitos", i.e., em animais perfeitos. Logo, uma vez que o céu é perfeitíssimo, é razoável que, se é capaz de qualquer destas partes, deva tê-las todas e não apenas algumas. 303. Então, em [227], ele explica de duas maneiras a ordem dos princípios mencionados. Primeiro, do ponto de vista das próprias dimensões. Pois "cima" é o princípio do comprimento: no homem, que é o mais perfeito dos animais, seu comprimento, como que sua maior dimensão, é dito da cabeça, que é seu "cima", até os pés, que são seu "baixo". "Direito" é o princípio da largura, pois a largura de um homem é calculada de acordo com a distância entre seu direito e seu esquerdo. "Diante" é o princípio da profundidade: pois a profundidade ou espessura de um homem é calculada de acordo com a distância entre diante e detrás. O mesmo vale respectivamente em outros animais. Mas o comprimento é anterior à largura, e a largura à profundidade, assim como a linha é ao plano, e o plano ao corpo. Portanto, "acima" é anterior a "direito", e "direito" é anterior a "diante". 304. Em segundo lugar, ele prova a mesma coisa [228] do ponto de vista dos movimentos. Ele faz isso porque as coisas que estamos discutindo são certos princípios a partir dos quais o movimento primeiro se inicia nos animais que possuem tais partes ou princípios. Pois o movimento de crescimento começa a partir de cima. Isto é evidente no homem, pois a cabeça, que é o "cima" do homem, é também cima de acordo com a posição do universo. Ora, o movimento de crescimento começa a partir da cabeça, porque o alimento é introduzido na abertura da boca, que está na cabeça, e o alimento é a matéria do crescimento. Nas plantas, no entanto, é a raiz que é "cima", e isto é paralelo à cabeça nos animais, no que diz respeito à ingestão de alimento. No entanto, o "cima" de uma planta é oposto quanto à posição ao que é "cima" para o universo. Os outros animais estão a meio caminho entre o homem e as plantas. Ora, o movimento em relação ao lugar começa a partir da direita, pois os animais movem a parte direita antes da esquerda, como ao andar movem o pé direito. Mas no movimento pelo qual os sentidos são alterados, "diante" é o princípio, pois aquilo é dito ser a parte dianteira do animal onde os sentidos existem. Portanto, uma vez que o movimento de crescimento é anterior ao movimento de sensação, que por sua vez é anterior ao movimento local nos animais, segue-se que "acima" é anterior a "diante", e "diante" anterior a "direito". 305. Então, em [229], ele mostra que

estes princípios não estão presentes em todos os corpos. Primeiro, ele conclui do exposto que, estritamente falando, estes princípios não existem em corpos inanimados; Em segundo lugar, ele explica como chegamos a falar deles como estando neles, 306. Ele diz, portanto, primeiro [229] que, uma vez que os precedentes são princípios de certos movimentos, não devemos procurar acima e abaixo, direito e esquerdo, diante e detrás, em todos os corpos, mas apenas em corpos animados que têm um princípio de movimento em si mesmos. Ora, não encontramos em nenhum corpo inanimado qualquer fonte originária de movimento. Isto pode ser entendido de duas maneiras. Primeiro, no sentido de que há nos seres vivos um princípio ativo de movimento, a saber, a alma, enquanto nos corpos inanimados não há tal princípio ativo de movimento que pudesse mover, mas tais coisas são movidas por um motor externo, que é o gerador ou aquilo que remove o que impede o movimento. No entanto, eles têm um princípio passivo de movimento internamente, pelo qual são aptos a ser movidos, por exemplo, peso ou leveza, como é claro na *Física* VIII. Ou pode significar que nos corpos vivos há uma parte definida a partir da qual o movimento começa, como foi dito. Mas tal parte não é encontrada nos corpos inanimados. Pois, como ele diz ainda, alguns corpos inanimados não estão em movimento algum, por exemplo, aqueles que já existem em seu próprio lugar (ou melhor, ele diz isto com respeito a corpos artificiais que, como tais, não têm movimento por si mesmos). Outros estão em movimento, por exemplo, os que estão fora de seu lugar apropriado, no entanto cada tal corpo é movido para seu lugar de maneira semelhante para cada parte. Por exemplo, o fogo é movido apenas para cima e a terra apenas para o centro do mundo. Nestes casos, nenhuma outra diferença de posição é considerada, seja da parte do corpo que é movido, de modo que uma parte começaria a ser movida antes de outra, ou mesmo da parte do lugar, de modo que uma coisa natural seria movida para seu próprio lugar a partir de uma posição no espaço e não de outra. 306. Então, em [230], ele mostra como estas posições são às vezes ditas existir em corpos inanimados. E ele diz que em tais corpos falamos de acima e abaixo, direito e esquerdo, diante e detrás, apenas em comparação a nós mesmos. E isto pode ocorrer de três maneiras. De uma maneira, como chamamos de direito aquilo que é oposto ao nosso direito, como os adivinhos, e.g., os áugures, referem-se a uma ave à nossa direita como a ave direita e uma à nossa esquerda como a ave esquerda. A segunda maneira é baseada numa semelhança com nossas partes, como chamamos de direito de uma estátua aquilo que é semelhante ao direito do homem e esquerdo aquilo que é semelhante ao nosso esquerdo. A terceira maneira é por uma posição contrária, como quando chamamos de esquerdo aquilo que é oposto ao nosso direito, e o que é oposto ao nosso esquerdo chamamos de direito, como é evidente no caso de uma imagem num espelho. As mesmas explicações se aplicam às outras posições. Mas nas coisas inanimadas consideradas em si mesmas, não há tal variação de partes. E isto é evidente pelo fato de que, se as viramos em nossa direção, as designações serão o oposto do que eram anteriormente: o que era direito é agora chamado esquerdo e vice-versa, e o mesmo vale para as outras posições. Mas nos seres vivos, não importa como sejam virados, estas partes permanecem sempre as mesmas.

307. Em [230], ele mostra que os pitagóricos erraram ao atribuir essas diferenças ao céu, e isso de três maneiras, que podem ser extraídas do raciocínio anterior. Consequentemente, ele as apresenta aqui como conclusões. A primeira maneira é que, embora existam seis posições, pergunta-se por que apenas duas delas são atribuídas ao céu, a saber, direita e esquerda, e as outras quatro são ignoradas – embora seja razoável que todas pertençam ao céu, como foi dito acima.

308. A segunda maneira é apresentada em [231], a saber, que, se algumas devem ser omitidas e não atribuídas ao céu, seriam as menos principais que deveriam ter sido omitidas. Mas que as omitidas não são menos principais do que as duas atribuídas, ele prova com quatro argumentos.

O primeiro argumento é dado em [232], a saber, que em certos animais não observamos que a diferença entre a parte superior e a parte inferior, ou entre a parte frontal e a parte traseira, seja menor do que a diferença entre o lado direito e o lado esquerdo; antes, a diferença é maior. Pois o direito e o esquerdo diferem apenas em potência, mas concordam em figura (pois a mão direita é mais forte que a esquerda, embora tenham a mesma forma; similarmente, o ombro direito é mais forte que o esquerdo no que diz respeito aos movimentos, embora o esquerdo seja mais forte que o direito para carregar um peso; da mesma forma, o pé direito é melhor para o movimento, mas o esquerdo é melhor para manter uma posição fixa). Mas é evidente que a frente e a traseira de um animal, assim como o topo e a base, diferem não só em potência, mas também em forma. Ora, as coisas que diferem mais parecem ter uma distância mais principal.

309. O segundo argumento está em [233], a saber, que o topo e a base são encontrados em todos os corpos vivos, sejam animais ou plantas; mas o direito e o esquerdo não estão nas plantas, mas apenas nos animais perfeitos. Consequentemente, o alto e o baixo são anteriores, onde "anterior" implica uma dependência não conversível na existência [por parte do não anterior].

310. O terceiro argumento está em [234], a saber, que o comprimento é anterior à largura na ordem da geração, pois, segundo os geômetras, uma linha em movimento gera uma superfície. Mas "alto" é um princípio de comprimento, e "direito" um princípio de largura, como foi explicado acima. Portanto, já que a fonte do que é anterior é ela mesma anterior, a consequência é que "alto" é anterior a "direito", no sentido de algo anterior na ordem da geração (pois há muitas maneiras pelas quais as coisas são ditas anteriores a outras, como é evidente nos *Predicamentos* e na *Metafísica* V).

311. O quarto argumento, em [235], diz que "alto" é uma fonte originária de movimento, o que pode ser entendido do movimento de crescimento; "direito" é a fonte do movimento local; "frente" é aquilo em direção ao qual um animal se move, como se fosse oposto aos seus sentidos. Disto fica claro que "alto" tem um certo papel principal entre todos os tipos de posição, assim como o movimento de crescimento é mais essencial e mais intrínseco a um animal do que o movimento local.

No entanto, tudo aqui afirmado pode ser melhor referido ao movimento local, afirmando que "alto", em um animal que se move segundo o movimento local, é aquilo de onde o movimento procede, pois está na cabeça, ou seja, que as funções sensoriais e o sentido são o princípio motor nos animais, como dito em *De Anima* II. Mas "direito" é aquilo de onde o movimento local começa, já que a parte direita se move primeiro, como foi dito, enquanto "frente" é aquilo para o qual o animal é movido. Mas o princípio motor é o que tem a primazia no movimento de um animal. De acordo com isso, é evidente que "alto" tem a primazia entre os outros tipos de posição.

Assim, o Filósofo, por meio desses quatro argumentos, conclui sua segunda maneira de refutar a afirmação dos pitagóricos. E diz que é justo repreendê-los, pois ignoraram os princípios mais importantes e não os atribuíram ao céu.

312. Ele apresenta sua terceira maneira em [235], dizendo que eles também devem ser repreendidos por afirmarem que o direito e o esquerdo são encontrados similarmente em todas as coisas, enquanto, na verdade, são encontrados apenas em animais perfeitos, como foi dito acima.

Mas deve-se ter em mente que a intenção dos pitagóricos era reduzir todas as coisas ao bem e ao mal como dois princípios. E porque acreditavam que todo número é abrangido por 10, eles postularam dez coisas do lado do bem e dez do lado do mal, como é evidente na *Metafísica* I. Por cada coisa que colocaram nessa enumeração, eles entendiam todas as coisas a serem encontradas em seu gênero. Assim, por "direito" e "esquerdo" eles entendiam todas as outras posições, entendendo que assim como "direito" é referido ao bem, também "alto" e "frente", enquanto "esquerdo", "baixo" e "atrás" eram referidos ao mal. A razão pela qual eles postularam direito e esquerdo, em vez das outras posições, foi que o direito, segundo o costume, é mais obviamente referido ao bem e o esquerdo ao mal – pois estamos acostumados a chamar a boa fortuna de "direita" e a má de "esquerda" [ou seja, "sinistra"]. Consequentemente, eles atribuíam direito e esquerdo a todas as coisas às quais atribuíam bem e mal.

Ou talvez tenham mencionado apenas o direito e o esquerdo, como incluindo os outros neles, porque viram que tudo que possuía um direito e um esquerdo possuía todos os outros, mas não vice-versa. Da mesma forma, talvez tenham aplicado especialmente ao céu um direito e um esquerdo e não os outros, porque há no céu um movimento local, ao qual pertencem o direito e o esquerdo, mas não há crescimento ou alteração sensorial, aos quais pertencem, respectivamente, o alto e o baixo, a frente e a traseira. Ou talvez fosse porque o alto e o baixo, a frente e a traseira, são diversificados quanto à forma, enquanto o direito e o esquerdo não o são – pois as partes do céu, sendo circulares, são uniformes em forma.

---

Revision #2
Created 29 September 2026 23:27:41 by Admin
Updated 2 October 2026 00:08:28 by Admin